



Universidades Lusíada

Santos, Laura

Velho, Cristina

Pinheiro, Maria do Rosário e Moura

Palaio, Carla

Projet'ar-te – desenvolvimento de competências para a vida : estudo de eficácia e follow-up de um programa de desenvolvimento de autonomia para jovens em acolhimento residencial

<http://hdl.handle.net/11067/4787>

<https://doi.org/10.34628/742y-hd47>

Metadados

Data de Publicação

2018

Resumo

No âmbito do acolhimento de crianças e jovens em perigo, a Casa do Canto-CrescerSer, desenvolveu o Projet'Ar-te, uma intervenção psicossocial e socioeducativa para jovens entre os 12 e os 18 anos, cuja finalidade é promover e acompanhar o seu processo de autonomia, durante e após o acolhimento residencial (projeto financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, 2012-2015). O eixo I desta intervenção integra o Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, cujos enfoques são a promoção da...

In the scope of Residential Care for children and youth, Casa do Canto-CrescerSer developed Projet'Ar-te: a psychosocial and socio-educational intervention for young people between 12 and 18 years old that aims to promote and monitor the process of youths' autonomy during and after the residential care (funded by the Calouste Gulbenkian Foundation, 2012-2015). Axis I of this intervention integrates The Life Skills Program, involving the development of emotion regulation strategies as well as per...

Palavras Chave

Jovens - Assistência em instituições, Autonomia (Psicologia)

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 09, n. 2 (2018)

**PROJET'AR-TE - DESENVOLVIMENTO
DE COMPETÊNCIAS PARA A VIDA:
ESTUDO DE EFICÁCIA E FOLLOW-UP DE
UM PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO
DE AUTONOMIA PARA JOVENS
EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL**

Laura Santos

Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) da
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Cristina Velho

Casa de Acolhimento Casa do Canto – Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da
Família/CrescerSer

Maria do Rosário Pinheiro

Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) da
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Carla Palaio

Casa de Acolhimento Casa do Canto – Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da
Família/CrescerSer

Resumo: No âmbito do acolhimento de crianças e jovens em perigo, a Casa do Canto-CrescerSer, desenvolveu o Projet'Ar-te, uma intervenção psicossocial e socioeducativa para jovens entre os 12 e os 18 anos, cuja finalidade é promover e acompanhar o seu processo de autonomia, durante e após o acolhimento residencial (projeto financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, 2012-2015). O eixo I desta intervenção integra o Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, cujos enfoques são a promoção da regulação emocional e de competências pessoais e sociais. Nesta intervenção participaram 39 jovens, dos 11 aos 19 anos ($M=15,33$; $DP=1,797$), as quais foram avaliadas em três momentos (pré, pós-intervenção e follow-up de 12 meses), relativamente a problemas de comportamento, autoestima e competências de autonomia. A avaliação da eficácia do programa revela que quando comparados os resultados pré e pós-intervenção ($n=39$), a maioria das jovens apresenta uma melhoria nos indicadores de regulação emocional e de competências pessoais e sociais. O follow-up realizado aos 12 meses ($n=16$) revela a tendência para manutenção dos ganhos. Conclui-se que após a intervenção a maioria das jovens apresenta indicadores mais positivos para a sua autonomia, nomeadamente o aumento significativo de autoestima e de competências pessoais, no que respeita a tarefas domésticas da vida diária, estudos e trabalho, à utilização dos serviços da comunidade e a estratégias de poupança no quotidiano e uma evidente diminuição dos problemas emocionais e de comportamento. A manutenção das mudanças no tempo revela-se relevante para garantir o sucesso na continuidade do seu processo de autonomização

Palavras-chave: Acolhimento residencial, Jovens em risco, Autonomia, Competências pessoais, Competências sociais.

Abstract: In the scope of Residential Care for children and youth, Casa do Canto-CrescerSer developed Projet'Ar-te: a psychosocial and socio-educational intervention for young people between 12 and 18 years old that aims to promote and monitor the process of youths' autonomy during and after the residential care (funded by the Calouste Gulbenkian Foundation, 2012-2015). Axis I of this intervention integrates The Life Skills Program, involving the development of emotion regulation strategies as well as personal and social skills. In this paper, the results refer to 39 females, aged between 11 to 19 years old ($M=15,33$, $SD=1,797$), to whom a pre and post-intervention and a 12-month follow-up evaluation was carried out, concerning their behaviour problems, self-esteem and autonomy skills. The evaluation of the effectiveness of this program reveals that when comparing the pre and post-program results ($n = 39$), the majority of youths present an improvement in the indicators of emotion regulation and personal and social skills. The follow-up performed at the 12th month ($n =16$) reveals the tendency to maintain the gains. It is possible to conclude that after the

intervention, the majority of the youths present more positive indicators of their autonomy, with a significant increase in the level of self-esteem and personal competences concerning domestic tasks of daily life, studies and work, the use of community services and savings strategies, and an evident decrease in emotional and behavioural problems. The maintenance of the changes overtime proves to be relevant in ensuring the success of their independent living.

Keywords: Residential Care, Autonomy, At-risk youth, Personal skills, Social skills.

Introdução

A Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) designa que os Estados devem assegurar a proteção e o bem-estar das crianças. De acordo com as Nações Unidas quando a família não consegue assegurar os cuidados necessários à criança ou colocam a mesma em situação de abandono, o Estado é responsável por proteger os seus direitos e assegurar à mesma, cuidados alternativos adequados (United Nations General Assembly, 2010). Em Portugal, ao abrigo da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei 147/99 de 1 de Setembro, artigo 35.º, nº1 aln. f, com as alterações constantes na Lei 142/2015 de 8 de setembro), vivem 8.175 crianças e jovens em acolhimento residencial (ISS, 2017). As casas de acolhimento destinam-se a receber crianças e jovens vítimas de situações de perigo, suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral (art.º 3 da Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro).

As crianças e jovens em acolhimento são considerados dos grupos mais vulneráveis da sociedade, evidenciando problemas emocionais, comportamentais, sociais e educacionais (Collin-Vezina et al, 2011; Magalhães & Calheiro, 2014), que condicionam potencialmente o seu desenvolvimento e trajetórias futuras (Martins, 2005; Moslehuddin & Mendes, 2006). Estes jovens tendem também a realizar uma transição para a vida adulta mais precocemente comparativamente aos pares da mesma faixa etária, o que se pode transformar numa dificuldade acrescida, se não detiverem um conjunto de competências que lhes permita a sua integração na sociedade (Carvalho & Cruz, 2015).

Para assegurar a qualificação do acolhimento, *guidelines* internacionais defendem que todas as crianças e jovens devem viver num ambiente que os proteja, cuide e apoie, de forma a promover o seu potencial (United Nations General Assembly, 2010), devendo receber uma preparação contínua para a sua emancipação (FICE, IFCO, Aldeias Infantis SOS, 2007). Especificamente, as Quality4Children - Normas de Acolhimento de Crianças Fora da sua Família Biológica na Europa, referem na norma 14 que “a criança e/ou jovem recebe apoio

para modelar o seu futuro e tornar-se num membro independente, autossuficiente e ativo da sociedade. Terá acesso à educação e beneficiará da oportunidade de adquirir competências para a vida e de adotar valores. A criança e/ou jovem recebe apoio para desenvolver a sua autoestima. Isto permite-lhe sentir-se forte e segura e enfrentar as dificuldades” (FICE et al., 2007, p.16).

Assim, a medida de acolhimento residencial, para além da sua função protetora, deve ser encarada e promovida como uma oportunidade que possa proporcionar ganhos à criança e ao jovem (Martins 2004). Deste modo, ressalva-se a importância das casas de acolhimento residencial apresentarem ao seu dispor ferramentas de intervenção socioeducativa (Bravo & Del Valle, 2009, NCB, 2006) e psicossocial (Knorth, Harder, Zandberg & Kendrick, 2008; Little, Kohm & Thompdon, 2005), e de recursos humanos qualificados e multidisciplinares (Rec, 2005; NCB, 2006, FICE et al., 2007), para otimizar o desenvolvimento de competências de autonomia (Del Valle & Zurita, 2000; Knorth et al., 2008; United Nations General Assembly, 2010), no menor tempo possível (Del Valle & Zurita, 2000; Del Valle & Arteaga, 2009; Rec, 2005).

O diagnóstico das necessidades socioeducativas e psicossociais das jovens acolhidas na Casa do Canto (APDMF/CrescerSer) permitiu definir soluções e criar o projeto Projef’Ar-te, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (2012-2015). É sua finalidade a promoção e o acompanhamento do processo de autonomia das jovens durante e após o acolhimento, e seus objetivos (i) reforçar o desenvolvimento da regulação emocional e das competências pessoais e sociais em jovens acolhidas e (ii) promover o apoio e acompanhamento após a sua saída da instituição.

Organizado segundo um modelo multinível, articula um programa de promoção da regulação emocional (Nível I), um programa de competências pessoais e sociais (Nível II), pertencentes ao Eixo 1 de intervenção – o Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida. A atuação da Estrutura de Apoio e Acompanhamento pós acolhimento (Nível III) integra o Eixo 2 de intervenção destinado às jovens que cessaram a medida de acolhimento residencial. Através dos eixos e níveis de intervenção pretende-se preparar desde o início do acolhimento o processo de finalização do mesmo, garantindo a articulação entre o desenvolvimento de competências de autonomia e a preparação de uma saída mais segura do acolhimento residencial.

Este artigo centra-se na atuação e resultados do Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, uma intervenção socioeducativa e psicossocial, que apresenta um conjunto de ações de carácter motivacional, pedagógico, metodológico e avaliativo, que se concretizam em sessões estruturadas, de aplicação grupal, destinadas a jovens em acolhimento residencial. A metodologia grupal pretende promover o processo de socialização e facilitar a reflexão, o diálogo e a troca de opiniões, de forma a potenciar as

aprendizagens cognitivas (conhecimentos, conceitos e crenças), emocionais e comportamentais (competências pessoais e sociais) (Varela, 2012). O Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida engloba no nível I de atuação o Programa de Promoção da Regulação Emocional, operacionalizado pelo Programa Gerar Percursos Sociais (Rijo, Sousa, Lopes, Pereira, Vasconcelos, Mendonça, Silva, Ricardo & Massa, 2007) e/ou pelo Grupo Inclusivo (música, teatro ou yoga), adequado a jovens com dificuldades cognitivas, mas à qual podem aderir outras participantes do projeto. No nível II de atuação contempla o Programa de Competências Pessoais e Sociais, cuja a ênfase interventiva é colocada em domínios de relacionamento interpessoal, cuidados pessoais, gestão de domicílio, comportamentos de risco, gestão de recursos, formação cívica, serviços e comunidade, formação escolar e/ou laboral e a família. O impacto pretendido situa-se na garantia da autonomia das jovens em acolhimento, assegurando uma saída segura do sistema de acolhimento e uma melhor integração na família e comunidade (Pinheiro et al., 2015).

Metodologia

Participantes

Na avaliação estandardizada, pré e pós-intervenção, do Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida participaram 39 adolescentes do sexo feminino. A idade média das participantes é de 15.33 (DP=1.797) anos, variando entre 11 e 19 anos, o nível de escolaridade mais frequente é o 3º ciclo. O tempo médio de permanência na Casa no momento pré intervenção varia entre 1 e 60 meses, sendo a média de 11.05 meses (DP=15.863). Na avaliação de follow-up, aos 12 meses, participaram 16 jovens com uma média de idades de 14.63 (DP=1.45) anos, um valor mínimo de 12 e um máximo de 18.

Instrumentos e procedimentos

A avaliação estandardizada recorreu a instrumentos de autorresposta para obtenção de indicadores de competências de autonomia, autoestima e problemas emocionais e de comportamento. A psicóloga do projeto aplicou os instrumentos em três momentos distintos: antes, após e passado um ano do término da intervenção.

Umbrella (DelValle & Garcia Quintanal, 2006) - Destinado a avaliar competências de autonomia em jovens que se encontram com medida de acolhimento, este instrumento possui 5 subescalas das quais foram utilizadas três: Estudos/Trabalho, Dinheiro e Casa. Existem duas versões deste instrumento,

uma destinada a jovens com mais de 15 anos (80 itens) e outra versão mais curta (59 itens) destinada a jovens dos 11 aos 14 anos. Os itens são cotados de 1 (Nada) a 3 (Muito) pontos de acordo.

Escala de Autoestima de Toulouse (Oubrayrie et al., 1994 adaptada por Tap & Vasconcelos, 2004) - Constituído por 10 itens, permite avaliar a autoestima em duas dimensões, a autoconfiança e a autodepreciação e calcular dois scores globais, a autoestima global e diferencial. As questões são respondidas numa escala de tipo Likert - 5 pontos, variando de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”.

Youth Self Report-YSR (Achenbach, 1991, adaptado por Fonseca e Monteiro, 1999) - Avalia competências sociais e problemas de comportamento em adolescentes dos 11 aos 18 anos, tal como são percecionados pelo próprio. Neste estudo utilizou-se a segunda parte do instrumento, constituída por 119 itens, dos quais 103 dizem respeito a problemas específicos de comportamento e 16 respeitam a comportamentos socialmente desejáveis. Os itens são cotados numa escala de Likert de 0 (não verdadeira) a 2 pontos (muitas vezes verdadeira). Permite avaliar uma score global de psicopatologia, 6 fatores e dois *clusters* relativos a problemas de expressão internalizada e externalizada.

Resultados

A análise estatística foi realizada com recurso ao *software* IMB SPSS (v.22). A fim de dar a conhecer a mudança ocorrida entre as avaliações pré, pós-intervenção e follow-up do Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, apresentam-se de seguida os resultados quantitativos em termos de competências de autonomia, autoestima e problemas emocionais e de comportamento. Devido à dimensão da amostra, no tratamento de dados foram utilizados testes estatísticos não paramétricos de medidas repetidas de Wilcoxon para avaliar as diferenças entre o pré e pós-intervenção (Corder & Foreman, 2009). As mudanças intraindividuais foram analisadas em termos de proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações, considerando o cálculo do qui-quadrado relativo às diferenças na distribuição entre pós e pré-intervenção. Para alguns instrumentos foi também efetuado o cálculo do Índice de Mudança Fiável (Reliable Change Index - RCI) entre pré e pós-intervenção, e entre pré-intervenção e follow-up, tendo sido consideradas apenas três categorias de classificação, dado o reduzido número de sujeitos. Os estudos de comparação pré, pós e follow-up de 12 meses, num grupo de 16 jovens do Projét' Ar-te, respetivos testes *post hoc* do Questionário Umbrella e do Youth Self Report.

Na escala Umbrella foram consideradas as subescalas Estudos/trabalho; Dinheiro; e a Casa. Depois de cotada cada versão e obtidos os totais foram

compilados numa variável que incluía as pontuações das jovens. Nas subescalas do Umbrella verificou-se um aumento estatisticamente significativo das pontuações médias dos sujeitos de pré para pós-intervenção nas competências para a vida (Quadro 1), avaliadas através das subescalas de Gestão do Dinheiro ($F=-3.057$; $p=.002$), Estudos/trabalho ($F=-3.726$; $p<.001$) e Casa ($F=-3.615$; $p<.001$).

Quadro 1. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Wilcoxon ($n=39$)

	M	DP	Assimetria padronizada	Média de postos (mean rank)	Wilcoxon signed p ranks test	
T0_Umbrella_dinheiro	2.18	0.43	-1.21	16.56	-3.057	.002
T1_Umbrella_dinheiro	2.38	0.49	-2.45	19.79		
T0_Umbrella_estudos/trabalho	2.19	0.36	1.11	21.92	-3.726	<.001
T1_Umbrella_estudos/trabalho	2.42	0.41	-2.40	9.60		
T0_Umbrella_casa	2.52	0.31	-0.87	15.75	-3.615	<.001
T1_Umbrella_casa	2.67	0.36	-3.08	18.47		

Se considerarmos as diferenças pós-pré, verificamos a ocorrência de jovens que aumentaram, mantiveram e desceram as suas pontuações (Quadro 2). A proporção de jovens que aumentou a sua pontuação foi de 74.4% na subescala Casa [$\chi^2(2)= 29.692$], 66.7% na subescala Estudos/trabalho [$\chi^2(2)= 21.385$] e 71.8% na subescala Dinheiro [$\chi^2(2)= 27.846$]. Nos três casos a diferença foi estatisticamente significativa ($p<.001$).

Quadro 2. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no Umbrella ($n=39$)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
Umbrella_casa	Baixou	6	15.4	29.692	<.001
	Manteve	4	10.3		
	Aumentou	29	74.4		
Umbrella_estudos/trabalho	Baixou	10	25.6	21.385	<.001
	Manteve	3	7.7		
	Aumentou	26	66.7		
Umbrella_dinheiro	Baixou	9	23.1	27.846	<.001
	Manteve	2	5.1		
	Aumentou	28	71.8		

A autoestima diferencial resulta da diferença entre a autoconfiança e a autodepreciação. Se positiva a autoconfiança é superior à autodepreciação. Tanto a autoestima diferencial ($F=-2.341$; $p=.019$), como a global ($F=-2.496$; $p=.013$) subiram significativamente de pré-intervenção para pós-intervenção (Quadro 3).

Quadro 3. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Wilcoxon ($n=39$)

	M	DP	Assimetria padronizada	Média de postos (mean rank)	Wilcoxon signed ranks test	p
T0_Autoestima diferencial	0.74	0.92	3.26	15.68	-2.341	.019
T1_Autoestima diferencial	1.13	1.02	1.33	19.06		
T0_Autoestima global	3.35	0.45	3.60	15.20	-2.496	.013
T1_Autoestima global	3.56	0.51	1.33	18.46		

No que diz respeito a diferenças intraindividuais (Quadro 4), 61.5% das jovens melhoraram a autoestima em termos globais [$\chi^2(2)= 16.632$] e 63.2% revela melhorias em termos de autoestima diferencial [$\chi^2(2)= 15.846$]. Em ambos os casos a diferença foi estatisticamente significativa ($p<.001$).

Quadro 4. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no questionário de autoestima de Toulouse ($n=39$)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
Autoestima diferencial	Baixou	11	28.2	15.846	<.001
	Manteve	4	10.3		
	Aumentou	24	61.5		
Autoestima global	Baixou	10	26.3	16.632	<.001
	Manteve	4	10.5		
	Aumentou	24	63.2		

Relativamente aos problemas emocionais e de comportamento (Quadro 5), registaram-se diferenças significativas nas médias pré e pós-intervenção do YSR no que diz respeito à Ansiedade/Depressão ($F=-2.304$; $p=0.021$).

Quadro 5. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Wilcoxon ($n=38$)

	M	DP	Assimetria padronizada	Média de postos (mean rank)	Wilcoxon signed ranks test	p
T0_ysr.cas	0.32	.23	2.00	13.92	-0.255	.799
T1_ysr.cas	0.36	.34	3.30	19.82		
T0_ysr.pah	0.68	.32	1.14	17.39	-0.266	.790
T1_ysr.pah	0.68	.33	1.17	17.63		
T0_ysr.ad	0.61	.36	1.19	16.59	-2.304	.021
T1_ysr.ad	0.48	.39	2.68	14.56		
T0_ysr.i	1.04	.32	0.75	20.08	-1.814	.070
T1_ysr.i	0.93	.39	-1.47	12.82		
T0_ysr.qs	0.56	.34	0.64	20.46	-0.268	.788
T1_ysr.qs	0.55	.49	2.64	12.19		
T0_ysr.pp	0.57	.40	1.52	15.20	-0.753	.451
T1_ysr.pp	0.55	.52	2.92	18.67		
T0_ysr.total	0.58	.22	2.09	20.25	-1.418	.156
T1_ysr.total	0.55	.30	2.35	17.17		

T0 - pré-intervenção; T1 - pós-intervenção.

Apesar de não se registarem diferenças significativas nas médias do YSR nas restantes subescalas, as jovens percecionaram mudanças no seu comportamento, tendo-se registado mudanças intraindividuais pré-pós intervenção (Quadro 6): 47.4% das jovens diminuíram os scores de problemas de atenção/hiperatividade [$\chi^2(2)=9.053$; $p=.011$]; 57.9% os scores de ansiedade/depressão [$\chi^2(2)= 10.474$; $p=.005$]; 50% os scores de isolamento [$\chi^2(2)= 7.947$; $p=.019$]; 52.6% os scores de problemas de pensamento [$\chi^2(2)= 7.789$; $p=.020$] e 57.9% das jovens diminuíram as suas pontuações no total da escala indicador de um score global de psicopatologia [$\chi^2(2)= 18.053$; $p<.001$].

Quadro 6. *Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no YSR (n=38)*

		n	%	$\chi^2(2)$	p
T1_T0_ysr.cas_catDif	Baixou	18	47.4	5.895	.052
	Manteve	6	15.8		
	Aumentou	14	36.8		
T1_T0_ysr.pah_catDif	Baixou	18	47.4	9.053	.011
	Manteve	4	10.5		
	Aumentou	16	42.1		
T1_T0_ysr.ad_catDif	Baixou	22	57.9	10.474	.005
	Manteve	7	18.4		
	Aumentou	9	23.7		
T1_T0_ysr.i_catDif	Baixou	19	50.0	7.947	.019
	Manteve	5	13.2		
	Aumentou	14	36.8		
T1_T0_ysr.qs_catDif	Baixou	12	31.6	4.000	.135
	Manteve	8	21.1		
	Aumentou	18	47.4		
T1_T0_ysr.pp_catDif	Baixou	20	52.6	7.789	.020
	Manteve	6	15.8		
	Aumentou	12	31.6		
T1_T0_ysr.total_catDif	Baixou	22	57.9	18.053	<.001
	Manteve	1	2.6		
	Aumentou	15	39.5		

O RCI calculado para o YSR entre os resultados do pré e pós-intervenção (Quadro 7) aponta uma melhoria clínica de remissão da psicopatologia (em 57.9% das jovens) [$\chi^2(2)= 16.000$; $p<.001$], dos problemas de externalização (em 52.6% das jovens) [$\chi^2(2)= 10.316$; $p<.006$] e dos problemas de internalização (em 57.9% das jovens) [$\chi^2(2)= 16.000$; $p<.001$].

Quadro 7. Resultados no RCI da mudança entre pré e pós-intervenção no YSR

	n	%	$\chi^2(2)$	p
Psicopatologia geral				
Deterioração	14	36.8	16.000	<.001
Sem mudança	2	5.3		
Remissão	22	57.9		
Externalização				
Deterioração	14	36.8	10.316	.006
Sem mudança	4	10.5		
Remissão	20	52.6		
Internalização				
Deterioração	14	36.8	16.000	<.001
Sem mudança	2	5.3		
Remissão	22	57.9		

No que diz respeito ao estudo do follow-up, relativamente às subescalas do Umbrella, os resultados do Teste de Diferenças de Friedman, e respetivos testes post hoc mostraram um aumento estatisticamente significativo nas competências de gestão do domicílio (subescala Casa) [F(2)=14.678, p=.001], quando comparados os momentos de avaliação pré e pós-intervenção (p=.006) e pré-intervenção e 12 meses de follow-up (p=.003) (Quadro 8, Gráfico 1).

Quadro 8. Médias, desvios-padrão, média de postos e teste de diferenças de Friedman (n=16)

	M	DP	Média de Postos (mean rank)	Friedman Test ^a (gl=2)	p
T0_Umbrella_dinheiro_t	2.12	.31	1.63	3.714	.156
T1_Umbrella_dinheiro_t	2.31	.36	2.09		
T2_Umbrella_dinheiro_t	2.38	.42	2.28		
T0_Umbrella_estudos_trabalho_t	2.12	.43	1.75	1.607	.448
T1_Umbrella_estudos_trabalho_t	2.20	.51	2.09		
T2_Umbrella_estudos_trabalho_t	2.25	.44	2.16		
T0_Umbrella_casa_t	2.44	.32	1.25	14.678	.001
T1_Umbrella_casa_t	2.64	.28	2.34		
T2_Umbrella_casa_t	2.67	.30	2.41		

T0 - pré-intervenção; T1 - pós-intervenção; T2 - follow-up; ^a Related-samples Friedman's two-way analysis of variance by ranks.

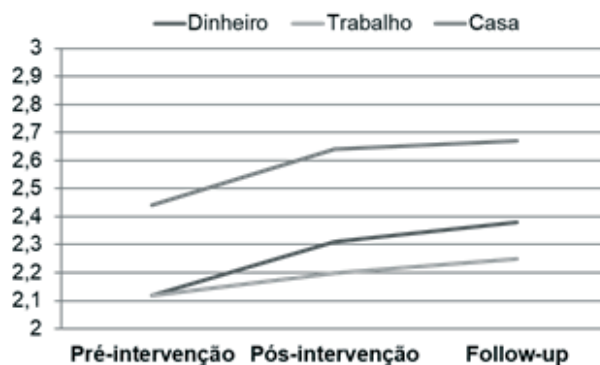


Gráfico 1. Valores médios pré e pós intervenção e follow-up nas subescalas do Umbrella (n=16)

O cálculo das mudanças intraindividuais (Quadro 9) revela diferenças estatisticamente significativas de pré para pós-intervenção na subescala Casa [$\chi^2(2)=21.125$; $p<.001$] e de pré-intervenção para follow-up nas subescalas Casa [$\chi^2(2)=16.625$; $p<.001$] e Escola/Trabalho [$\chi^2(2)=4.000$; $p=.046$], a percentagem de jovens que aumentou a sua pontuação no Umbrella foi 87,5%, 81,25% e 75%, respetivamente.

Quadro 9. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no Umbrella (n=16)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
T0-T1					
Umbrella_casa	Baixou	1	6,25	21,125	<.001
	Manteve	1	6,25		
	Aumentou	14	87,50		
Umbrella_trabalho	Baixou	6	37,50	1,000	.317
	Manteve	10	62,50		
	Aumentou	10	62,50		
Umbrella_dinheiro	Baixou	6	37,50	1,000	.317
	Manteve	10	62,50		
	Aumentou	10	62,50		
T0-T2					
Umbrella_casa	Baixou	2	12,50	16,625	<.001
	Manteve	1	6,25		
	Aumentou	13	81,25		
Umbrella_trabalho	Baixou	4	25,00	4,000	.046
	Manteve	12	75,00		
	Aumentou	12	75,00		
Umbrella_dinheiro	Baixou	6	37,50	1,000	.317
	Manteve	10	62,50		
	Aumentou	10	62,50		

Relativamente aos problemas emocionais, os resultados do Teste de Diferenças de Friedman, e respetivos testes post hoc mostraram uma diminuição significativa dos problemas de Ansiedade/Depressão [$F(2)=6.241$, $p=.044$] quando comparados os momentos de avaliação pré-intervenção e 12 meses de follow-up ($p=.022$) (Quadro 10, Gráfico 2).

Quadro 10. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Friedman no Youth Self-Report ($n=16$)

	M	DP	Média de postos Friedman Test ^a (mean rank)	($gl=2$)	<i>p</i>
T0_ysr.cas	0.36	0.21	2.06	0.145	.930
T1_ysr.cas	0.35	0.26	2.00		
T2_ysr.cas	0.36	0.30	1.94		
T0_ysr.pah	0.68	0.31	1.97	0.441	.802
T1_ysr.pah	0.68	0.29	1.91		
T2_ysr.pah	0.68	0.24	2.13		
T0_ysr.ad	0.70	0.39	2.47	6.241	.044
T1_ysr.ad	0.51	0.34	1.88		
T2_ysr.ad	0.50	0.37	1.66		
T0_ysr.i	1.04	0.27	2.06	0.679	.712
T1_ysr.i	0.88	0.41	1.84		
T2_ysr.i	0.98	0.29	2.09		
T0_ysr.qs	0.80	0.38	2.28	3.556	.169
T1_ysr.qs	0.58	0.60	1.66		
T2_ysr.qs	0.72	0.44	2.06		
T0_ysr.pp	0.56	0.35	2.06	1.793	.408
T1_ysr.pp	0.50	0.53	1.75		
T2_ysr.pp	0.55	0.45	2.19		
T0_ysr.total	0.63	0.17	2.13	0.500	.779
T1_ysr.total	0.55	0.27	1.88		
T2_ysr.total	0.57	0.25	2.00		

T0 - pré-intervenção; T1 - pós-intervenção; T2 - follow-up.

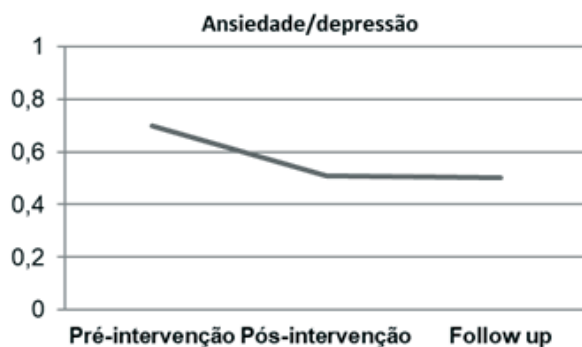


Gráfico 2. Valores médios pré e pós intervenção e follow-up na subescala Ansiedade/Depressão do YSR (n=16)

O cálculo das mudanças intraindividuais revela, igualmente na Ansiedade/Depressão, diferenças estatisticamente significativas de pré para pós-intervenção [$\chi^2(2)=7.625$; $p=.022$] e de pré-intervenção para follow-up [$\chi^2(2)=12.500$; $p=.002$]. Respetivamente, a percentagem de jovens que diminuiu a sintomatologia de ansiedade/depressão foi 62.5% e 75% (Quadro 11, Quadro 12).

Quadro 11. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no Youth Self Report de T0 para T1 (n=16)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
T1_T0_ysr.cas_catDif	Baixou	7	43.75	3.125	.210
	Manteve	2	12.50		
	Aumentou	7	43.75		
T1_T0_ysr.pah_catDif	Baixou	7	43.75	1.625	.444
	Manteve	3	18.75		
	Aumentou	6	37.50		
T1_T0_ysr.ad_catDif	Baixou	10	62.50	7.625	.022
	Manteve	1	6.25		
	Aumentou	5	31.25		
T1_T0_ysr.i_catDif	Baixou	8	50.00	3.500	.174
	Manteve	2	12.50		
	Aumentou	6	37.50		
T1_T0_ysr.qs_catDif	Baixou	11	68.75	9.875	.007
	Manteve	1	6.25		
	Aumentou	4	25.00		
T1_T0_ysr.pp_catDif	Baixou	10	62.50	1.000	.317
	Manteve	0	0		
	Aumentou	6	37.50		
T1_T0_ysr.total_catDif	Baixou	9	56.25	0.250	.617
	Manteve	0	0		
	Aumentou	7	43.75		

Quadro 12. *Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no Youth Self Report de T0 para T2 (n=16)*

		<i>n</i>	%	$\chi^2(2)$	<i>p</i>
T2_T0_ysr.cas_catDif	Baixou	7	43.75	0.875	.646
	Manteve	4	25.00		
	Aumentou	5	31.25		
T2_T0_ysr.pah_catDif	Baixou	7	43.75	0.250	.617
	Manteve	0	0		
	Aumentou	9	56.25		
T2_T0_ysr.ad_catDif	Baixou	1	75.00	12.500	.002
	Manteve	2	12.50		
	Aumentou	2	12.50		
T2_T0_ysr.i_catDif	Baixou	7	43.75	3.125	.210
	Manteve	2	12.50		
	Aumentou	7	43.75		
T2_T0_ysr.qs_catDif	Baixou	8	50.00	3.500	.174
	Manteve	2	12.50		
	Aumentou	6	37.50		
T2_T0_ysr.pp_catDif	Baixou	5	31.25	0.875	.646
	Manteve	4	25.00		
	Aumentou	7	43.75		
T2_T0_ysr.total_catDif	Baixou	9	56.25	0.250	.617
	Manteve	0	0		
	Aumentou	7	43.75		

Ao encontro destes dados vai a melhoria clínica significativa (RCI) dos comportamentos de expressão internalizada, cuja proporção de jovens que se encontra em remissão (68.75%), sem mudança (6.25%) e deterioração (25%) se mantém inalterada quando comparados os resultados pré e pós-intervenção e pré-intervenção e follow-up [$\chi^2(2)=9.875$; $p=.007$] (Quadro 13, Gráfico 3).

Quadro 13. *Resultados no RCI da mudança entre pré e pós-intervenção e pré-intervenção e follow-up no YSR internalização (n=16)*

Internalizaçã^o	<i>n</i>	%	$\chi^2(2)$	<i>p</i>
T0-T1				
Detioração	4	25,00	9.875	.007
Sem mudança	1	6,25		
Remissão	11	68,75		
T0-T2				
Detioração	4	25,00	9.875	.007
Sem mudança	1	6,25		
Remissão	11	68,75		

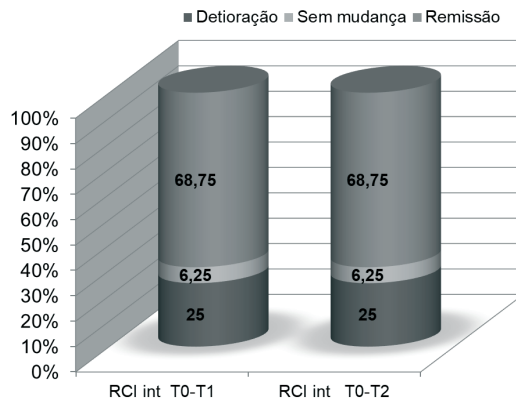


Gráfico 3. Percentagem de participantes nas três categorias de classificação do RCI para o YSR Internalização e (n=16) em pré (T0), pós (T1) e follow-up de 12 meses (T2)

Discussão

De um modo geral, no que diz respeito aos resultados de pré e pós-intervenção do Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, a maioria das jovens apresenta indicadores mais positivos para a sua autonomia, sobretudo no que diz respeito ao aumento significativo no nível de autoestima e de competências pessoais e sociais e uma evidente diminuição dos problemas emocionais e de comportamento das jovens.

Relativamente ao desenvolvimento de competências de autonomia, avaliadas através das subescalas do Umbrella, referentes a Dinheiro, Estudos/Trabalho e Casa, os resultados apontam para um aumento significativo no nível de autonomia no que respeita a tarefas domésticas da vida diária, estudos e trabalho/escola, à utilização dos serviços da comunidade e a estratégias de poupança no quotidiano. As aprendizagens adquiridas nas ações foram úteis e alargadas a outros domínios de vida, contribuindo favoravelmente para os diferentes contextos de vida dos jovens (escolar/laboral, familiar, saúde e comunitário) e para a perceção da evolução de si mesmas. Esta autoperceção de maior capacitação poderá estar associada ao aumento significativo da autoestima das jovens (Neves, 2011). O facto de se verificar um aumento significativo não só do indicador de autoestima global, mas também do indicador de autoestima diferencial, traduz que as jovens tornaram-se mais autoconfiantes e menos autodepreciativas (Oubrayrie et al., 1994).

Para além dos indicadores acima descritos, a melhoria clínica indicada pelo Índice de Mudança Fiável relativa aos indicadores de psicopatologia geral, problemas de externalização e internalização revela que este programa pode

efetivamente favorecer o bem-estar e ajustamento social dos jovens.

Relativamente aos estudos de follow-up, passados 12 meses do Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, destacam-se os ganhos da intervenção nas competências desenvolvidas em relação à gestão autónoma do domicílio (dimensão Casa), consideradas competências pessoais de relevo para garantir o sucesso na vida independente (Del Valle & Zurita, 2000; Calheiros et al., 2013). Os ganhos relativos às perspetivas e valorização da Escola/trabalho surgem, não como resultado final da formação, mas como impacto desta, muito provavelmente com o aproximar da finalização do acolhimento ou mesmo com a concretização do projeto de vida.

Sabemos que os problemas de comportamento interferem no ajustamento e desenvolvimento (ISS, 2017) e que a sintomatologia de ansiedade e depressão tem uma forte prevalência na adolescência em geral (Matos et al., 2015) e, em específico, nos jovens em acolhimento (Collin-Veniza et al., 2011; Magalhães & Callheiros, 2014; Santos et al., 2016). Assim sendo, são de entender como positivamente relevantes os resultados obtidos, quer no final da intervenção, pois mostraram diminuição dos problemas de ansiedade e depressão nas jovens acolhidas, quer no estudo de follow-up, em que esses ganhos têm tendência a manter-se.

A vantagem desta intervenção baseia-se na avaliação sistemática dos programas, quer ao nível do processo, como dos resultados e na sua adequação em termos das necessidades específicas dos jovens em acolhimento, sendo dinamizado por adultos de referência com quem existe uma relação prévia de confiança, onde o jovem pode desenvolver a sua autonomia de forma segura (Carvalho & Cruz, 2015).

Como em todos os projetos, também no Projet' At-te é possível ressaltar algumas limitações que podem condicionar o alcance e interpretabilidade dos dados obtidos. Apesar da integração de metodologias de avaliação diversas, o facto deste projeto ser de investigação e ação implica algumas limitações associadas à natureza do mesmo, o próprio contexto de aplicação, impossibilitou a inexistência de um grupo de controlo, uma vez que as jovens têm o direito de integrar estas intervenções durante o seu acolhimento, sendo a preparação contínua da emancipação uma norma de qualidade do processo de acolhimento de jovens (FICE et al., 2007, p. 16).

O impacto esperado deste projeto situou-se na garantia de uma saída mais segura do acolhimento residencial, preparada desde o primeiro dia de acolhimento, independentemente do projeto de vida da jovem (Pinheiro et al., 2015). O que implica a existência de uma dinâmica de aprendizagem contínua e sistematizada para o processo de acolhimento, que enquadre a promoção de competências para a vida (FICE et al., 2007, p. 16), que se deseja concretizável no menor tempo possível, que permita que cada jovem seja agente ativo da sua própria vida para se tornar mais capaz de tomar decisões responsáveis sobre o seu futuro (Relatório Final de Execução Técnica, 2015).

Referências

- Achenbach, T. M. (1991). *Integrative guide for the 1991 CBCL/4-18, YSR, and TRF profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Bravo, A. & Del Valle, J.F. (2009). *Intervención socioeducativa en acogimiento residencial*. Colección documentos técnicos, Gobierno de Cantabria.
- Calheiros, M.M., Graça, J., Morais, I., Mendes, R., Jesus, H., & Garrido, M.V. (2013). Desenvolvimento de um programa de preparação para a vida autónoma para jovens em acolhimento residencial. In M. M. Calheiros & M.V. Garrido (Orgs.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção* (vol.3). Lisboa: Edições Sílabo, 241-294.
- Carvalho, M.J. & Cruz, H. (2015). Promoção da autonomia em crianças e jovens em acolhimento em instituição. In M. J. Leote; H. Cruz & A. Salgueiro (Orgs.), *Autonomia: Desafios e práticas no acolhimento de jovens em instituição*, Coleção Práticas e Reflexões sobre Acolhimento de Jovens em Instituição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 4-15.
- Collin-Vezina, D., Coleman, K., Milne, L., Sell, J., & Daigneault, I. (2011). Trauma experiences, maltreatment-related impairments, and resilience among child welfare youth in residential care. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 9(5), 577-589.
- Convenção sobre os Direitos da Criança (1989). Disponível em: https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- Corder, G. & Foreman, D. (2009). *Nonparametric statistics for non-statisticians: A step-by-step approach*. New Jersey: Wiley & Sons.
- Del Valle, J., & Arteaga, A. (2009). *SERAR: Sistema de Evaluación y Registro en Acogimiento Residencial*. Oviedo: Asociación para el estudio y promoción del bienestar infantil.
- DelValle, J. F. & Garcia Quintanal, J. L. (2006). *Umbrella, habilidades para la vida*. Oviedo: ASACI.
- Del Valle, J., & Zurita, J. (2000). *El acogimiento residencial en la protección a la infancia*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Fonseca, A. C., & Monteiro, C. M. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O Youth Self-Report de Achenbach (CBCL). *Psychologica*, 21, 79-96.
- FICE, IFCO, & Aldeias Infantis SOS (2007). *Quality4Children: Normas para o Acolhimento de Crianças Fora da Sua Família Biológica na Europa*, Werner Hilweg, Innsbruck, Áustria, disponível em http://quality4children.info/navigation/show.php3?id=2&_language=en
- Instituto da Segurança Social, I.P (2017), *CASA 2016-Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento*, Lisboa, ISS.

- Knorth, E. J., Harder, A. T., Zandberg, T., & Kendrick, A.J. (2008). Under one roof: A review and selective meta-analysis on the outcomes of residential child and youth care. *Children and Youth Services Review*, 30, 123-140.
- Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens (Decreto-lei n.º142/2015, Publicada no Diário da República n.º204/99 - Série I-A, de 8 de Setembro). Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/107061811/details/maximized>
- Little, M., Kohm, A., & Thompson, R. (2005). The impact of residential placement on child development: research and policy implications. *International Journal of Social Welfare*, 14, 200-209.
- Magalhães, E. & Calheiros, M.M. (2014). Ajustamento emocional e comportamental de crianças e jovens em acolhimento institucional: uma reflexão em torno das experiências prévias de mau trato e negligência. In M. M. Calheiros & M.V. Garrido (Orgs.). *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção (Vol. 4)*. Lisboa: Edições Sílabo. 103-125.
- Martins, P. (2005). A Qualidade dos Serviços de Protecção às Crianças e Jovens – As Respostas Institucionais, VI Encontro Cidade Solidária: Crianças em risco: será possível converter o risco em oportunidade? - 23 de maio de 2005, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; pp. 1-11.
- Martins, P.C. (2004). *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco representações sociais, modos e espaços*. Tese de doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.
- Matos, A. P., Marques, C., Oliveira, S., Pinheiro, M. R., Arnarson, E.O., & Craighead, W.E. (2015). *A prevention program of depression in at-risk adolescents: Preliminary results from base-line to follow-up*. 9th International Technology, Education and Development Conference, In Proceedings of INTED2015 Conference, 7770-7779, Madrid.
- Moslehuddin, B., & Mendes, P. (2006). Young people's journey to independence: Towards a better future for young people leaving state care in Victoria. *Children Australia*, 31, 47-54.
- Nacional Children's Bureau (NBC) (2006). *What Works in residential child care (Highlight no.227)*. London: Roger Clough.
- Neves, M. (2011). *Autonomia e Satisfação com a Vida em Jovens Institucionalizados: Lares de Infância e Juventude vs Apartamentos de Autonomização*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização: Psicoterapia e Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga.
- Oubrayrie, N., De Leonardis, M., & Safont, C. (1994). Un Outil pour l'évaluation de l'estime de soi chez l'adolescent: L'ETES. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée (4ème trimestre)*, 44 (4), 309 – 317.
- Pinheiro, M.R.; Velho, C.; Palaio, C.; Santos, L.; Fadigas, P.; Santos, S.; Guerra, C.; Oliveira, J. & Guerra, P. (2015). Estrutura de Apoio e Acompanhamento

- da Casa do Canto: Processos e práticas de promoção da autonomia após o acolhimento. In M. J. Leote; H. Cruz & A. Salgueiro (orgs.). *Transições: Desafios e práticas no acolhimento de jovens em instituição*, Coleção Práticas e Reflexões sobre Acolhimento de Jovens em Instituição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 14-55.
- Pinheiro, M.R.; Velho, C.; Palaio, C.; Santos, L.; Santos, S. & Lopes, L. (2015). Relatório Final de Execução Técnica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- REC, Recommendation of the Committee of Ministers (2005). *On the rights of children living in residential institutions*, Council of Europe, Bruxelas, Bélgica. Disponível em <https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?id=835953>
- Rijo, D., Sousa, M.N., Lopes, J., Pereira, J., Vasconcelos, J., Mendonça, M. C., Silva, M. J., Ricardo, N., & Massa, S. (2007). *Gerar Percursos Sociais: Programa de prevenção e reabilitação para jovens com comportamento social desviante*. Ponta Delgada: Equal.
- Santos, L., Pinheiro, M.R., Velho, C., & Palaio, C. (2016, julho). *A avaliação da eficácia de um Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida junto de adolescentes em acolhimento residencial*. Comunicação apresentada no IX Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Faro.
- Tap, P., & Vasconcelos, M. L. (2004). *Precariedade e vulnerabilidade psicológica*. Fundação Bissaya-Barreto - CEICI (Coimbra). Editionsérès.
- United Nations General Assembly (2010). *Guidelines for the Alternative Care of Children*, resolution adopted by the General Assembly, A/RES/64/142. New York: United Nations. Disponível em: <https://bettercarenetwork.org/sites/default/files/Guidelines%20for%20the%20Alternative%20Care%20of%20Children%20-%20English.pdf>
- Varela, M. S. (2012). *La formación práctica en intervención socioeducativa*. Madrid: Sanz y Torres.